

# DÍSTURBIO DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA

## LEARNING DISORDER: DYSLEXIA

Alexandra Cristina Martoni Cardozo\*

Catarina Tonhetti Araújo\*\*

Maria Antônia Espírito Santo Fernandes\*\*\*

### RESUMO

A dislexia é uma dificuldade específica de aprendizagem da leitura e escrita que condiciona a forma como o educando se relaciona no contexto escolar. A pesquisa teve como objetivo relatar os sintomas pertinentes ao disléxico; compreender como o educador vem reagindo a esse desafio e sugerir intervenções significativas realizadas no processo de ensino aprendizagem do educando com dislexia. A metodologia foi pesquisa bibliográfica. Considerando que, reconhecer as características e encaminhar uma criança com dislexia, é papel fundamental do professor, é também de sua responsabilidade definir estratégias de intervenção e direcionar um melhor caminho para o seu aluno evitando, com isso, seu fracasso escolar, e proporcionado, dessa forma, sua inserção efetiva no mundo letrado.

**Palavras-chave:** Dislexia. Leitura. Escrita. Professor. Aluno.

### ABSTRACT

The dyslexia is a specific difficulty of learning of the reading and writing that it conditions the form as the student links in the school context. The research had as objective: to tell the pertinent symptoms to the dyslexic; understand the educator is resisting that challenge and to suggest significant interventions accomplished in the process of the student's teaching learning with dyslexia. The methodology was literature. Considering that, to recognize the characteristics and to direct a child with dyslexia, it is the teacher's fundamental paper, it is also of his/her responsibility to define intervention strategies and to address a better road for his/her student avoiding with that his/her failure school, and proportionate in that way, his/her insert executes in the learned world.

**Keywords:** Dyslexia. Reading. In writing. Teacher. Student.

---

\* Licenciada em Pedagogia – “Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”.  
[catarinatonhetti@gmail.com](mailto:catarinatonhetti@gmail.com)

\*\* Licenciada em Pedagogia – “Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson”.  
[alexandra.martoni@hotmail.com](mailto:alexandra.martoni@hotmail.com)

\*\*\* Licenciada em Pedagogia – FHO – “Fundação Herminio Ometto”.  
[maria.fernandes@professor.educacaoararas.sp.gov.br](mailto:maria.fernandes@professor.educacaoararas.sp.gov.br)

## **Introdução**

Este trabalho tem como tema a Dislexia, um distúrbio de aprendizagem muito presente em crianças que apresentam dificuldades no tocante a aquisição da leitura. Escolhemos o tema Dislexia por se tratar de um assunto frequente nas salas de aula, porém pouco abordado.

Para Drouet (2003, p.137), o termo dislexia se refere a um distúrbio de aprendizagem que atinge crianças com dificuldades específicas de leitura e escrita.

No presente, pretende-se discutir as causas e as formas de diagnóstico da dislexia, tendo por objetivo auxiliar, principalmente, professores que se depara com este problema, comprometendo o aprendizado.

A desinformação entre pais e educadores, tem deixado à margem das salas de aula, e do bom convívio familiar e social, as crianças disléxicas e/ou com problemas de aprendizagem.

Na busca de todo o conhecimento e experiência adquiridos acerca da dislexia, com a finalidade de conhecer mais profundamente este distúrbio de aprendizagem e possibilitar com trabalhos posteriores que todo aluno disléxico possa ser capaz e autônomo para enfrentar suas dificuldades, concedendo-lhes condições de realizações e de aprendizagem, realizamos um trabalho de pesquisa, leituras e observações.

Proporcionar a estas crianças seu direito à igualdade de oportunidades educacionais, é um grande objetivo. Pretendemos fazer deste estudo uma forma de socializar essas informações, e posteriormente alertar e informar pais e educadores, e poder evitar, diminuir, ou mesmo prevenir, o constante sofrimento e as frustrações das crianças com dificuldades escolares.

A desinformação dos pais e da escola brasileira, muitas vezes leva crianças e adolescentes a trilharem caminhos perigosos que acabam por desestruturar as suas vidas e o próprio corpo social em que ela vive.

Pesquisas realizadas em vários países mostram que cerca de 10 a 15% da população mundial é disléxica. Ao contrário do que muitos pensam não é o resultado de má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição sócio econômica ou baixa inteligência.

Nos últimos anos a leitura e a escrita tem recebido uma atenção especial pela escola e talvez sejam as atividades acadêmicas de maior importância na formação do

indivíduo, pois se torna a base para novos conhecimentos e garante sua integração e adaptação perante a sociedade.

Sendo assim, é de imensa importância a contribuição que este trabalho traz, uma vez que este problema atinge muitas crianças em idade escolar por apresentar falhas em adquirir habilidades de leitura, escrita e soletração esperada de acordo com o seu desempenho intelectual e apesar de todos os esforços para aprenderem a ler, essas crianças não conseguirão ser alfabetizadas sem contar com o apoio dos pais e educadores.

Para Bauer (1997, p. 108):

Distúrbios de aprendizagem são realmente distúrbios. Entretanto, com paciência, amor e atenção especial pessoas com distúrbio de aprendizagem podem aprender, sentindo-se bem a respeito delas mesmas.

Temos por objetivo principal levantar conhecimentos sobre distúrbios de aprendizagem, em especial, a Dislexia, divulgando sua causa e diagnóstico. Nosso trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, com pesquisas em livros, artigos, revistas, entre outros.

## **1 Desenvolvimento**

A inclusão é uma busca pela igualdade de todos, o direito de viver livremente na sociedade, uma pessoa com deficiência deseja ser reconhecida e respeitada assim como ela, independente de suas limitações. Esse direito é válido inclusive no âmbito escolar, para que esse direito seja garantido com qualidade é fundamental que o corpo docente, diretores, coordenadores, associações e toda a equipe escolar estejam aptos e preparados para recepção dos mesmos.

### **1.1 Capítulo I: O que é dislexia ?**

Dislexia é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que o faz as crianças da mesma faixa etária, independentemente de qualquer causa intelectual, cultural ou emocional. Todo o desenvolvimento da criança é normal, até entrar na escola. É um problema de base cognitiva que afeta as habilidade linguísticas associadas a leitura e a escrita. A dislexia é a incapacidade parcial da criança ler compreendendo o que se lê, Apesar da inteligência normal audição ou visão normal de serem oriundas de lares adequados isto é, que não

passem privação de ordem domésticas ou cultural, encontramos disléxicos em famílias ricas e pobres.

A dislexia pode ser causada por fatores que vão desde hereditariedade até alterações nos cromossomos 6 e 15, alterações nos hemisférios cerebrais, passando pela anóxia perinatal, que pode causar a dislexia.

Portanto, é um distúrbio grave que precisa de avaliação e tratamento multidisciplinar, precisa deixar de ser banalizado como ocorre normalmente quando qualquer indivíduo que troque letras pode ser diagnosticado como disléxico sendo que a verdadeira dislexia não faz trocar letras.

O cérebro dos disléxicos não identifica nem codifica os sinais gráficos que caracterizam as letras, por isso tanta dificuldade na aquisição da leitura e escrita.

### **1.1.1 Características e tipos de dislexia**

As características dos disléxicos vão se diferenciar em alguns aspectos, de acordo com as faixas etárias, mas a dislexia só poderá ser diagnosticada quando a criança iniciar o aprendizado da leitura. Existem também diferentes graus, que variam dos mais severos, apresentando muitas dificuldades, até os mais leves.

Segundo Sana (2005, p. 33) “para haver o diagnóstico de dislexia, as dificuldades, deverão ser duradouras, isto é, persistirem por pelo menos um ano a um ano e meio, depois de iniciada a alfabetização sistemática”.

De acordo com Lanhez (2002), alguns sinais de alerta que pais e professores devem observar quando suspeitam da existência de problemas nas competências de leitura e escrita de seus filhos ou alunos:

- Durante a infância:
  - Atraso na aquisição da linguagem – a criança começou a dizer as primeiras palavras mais tarde do que o habitual e a construir frases mais tardiamente;
  - Dificuldade na consciência e manipulação fonológica. Dificuldade em perceber que os sons das palavras podem dividir-se em unidades pequenas e em manipular esses mesmos sons, entre outros.
  
- Na idade escolar:

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- Dificuldade em compreender que as palavras podem se segmentar em sílabas e fonemas;
- Erros por dificuldades na decodificação grafema - fonema;
- Dificuldades na leitura, com a presença constante de erros e incorreções, inventando palavras ao ler um texto;
- A velocidade da leitura é inadequada para a idade, há dificuldades na leitura de palavras irregulares, pouco frequentes e pseudopalavras;
- Escrita com múltiplos erros ortográficos e a qualidade da caligrafia é bastante deficiente;
- Lacunas acentuadas na organização das ideias no texto e na construção de frases;
- Distrai-se com bastante facilidade perante qualquer estímulo, parecendo que está a "sonhar acordado", possuindo curtos períodos de atenção;
- Os resultados escolares não são condizentes com a sua capacidade intelectual, havendo melhores resultados nas avaliações orais do que nas escritas;
- Dificuldades em memorizar informações verbais (memória de trabalho verbal);
- Dificuldades na aprendizagem de uma língua estrangeira (Inglês);
- Dificuldades ao nível da organização pessoal;
- Apresenta "picos de aprendizagem", em alguns dias parece assimilar e compreender os conteúdos curriculares e em outros parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente;
- Apesar das dificuldades na escola, revela bastante imaginação e criatividade, com um bom raciocínio lógico e abstrato, podendo evidenciar capacidades acima da média em determinadas áreas que não exijam a leitura e a escrita (desenho, pintura, música, teatro, desporto, etc.), entre outros.

Deve-se verificar se na história familiar existem casos de dislexia ou de dificuldades de aprendizagem e, se na história desenvolvimental da criança ocorreu alguma problemática não normativa que possa justificar tais dificuldades.

Na leitura de frases, existe uma dificuldade nas pausas e no ritmo, bem como uma análise compreensiva deficitária em relação à informação lida (dificuldades em compreender o que leem).

As principais manifestações da dislexia nas competências de leitura e escrita, segundo Lanhez (2002) são:

- Atraso na aquisição das competências da leitura e escrita;
- Dificuldades acentuadas ao nível do processamento, manipulação e consciência fonológica;
- Dificuldades na leitura de palavras irregulares, pouco frequentes e pseudopalavras;
- Leitura silábica, decifratória, hesitante, sem ritmo, com bastantes incorrecções e erros de antecipação;
- Omite ou adiciona letras e sílabas (ex: famosa-fama; casaco-casa; livro-livo; batata-bata; biblioteca/bioteca; etc.);
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças subtis de grafia ou de som (a-o; o-u; a-e; p-t; b-v; s-ss-ç; s-z; f-t; m-n; v-u; f-v; g-j; ch-j-x; v-z; nh-lh-ch; ão-am; ão-ou; ou-on; au-ao; etc.);
- Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (b-d; d-p; b-q; d-q; a-e; etc.);
- Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras (ai-ia; per-pré; fla-fal; me-em; sal-las; pla-pal; ra-ar; etc.);
- Substituição de palavras por outras de estrutura similar, porém com significado diferente (saltou-salvou; cubido-bicudo; etc.);
- Substituição de palavras inteiras por outras semanticamente vizinhas;
- Problemas na compreensão semântica e na análise compreensiva de textos lidos;
- Lacunas na construção de frases e na organização das ideias no texto;
- Ilegibilidade da escrita, letra rasurada, disforme e irregular, presença de muitos erros ortográficos e dificuldades ao nível da construção frásica;

Outros sintomas que podem estar associados:

- Problemas ao nível da dominância lateral (lateralidade difusa, confunde direita e esquerda, lateralidade cruzada);
- Problemas na motricidade fina e no esquema corporal;
- Problemas na percepção viso-espacial;
- Problemas na orientação espaço-temporal;
- A escrita pode surgir em espelho, etc.

Não são necessários que estejam presentes todos estes indicadores em simultâneo para que seja diagnosticado um caso de dislexia.

Estes indicadores devem apenas alertar para a possibilidade de um possível caso de dislexia, já que é preciso compreender a razão destes comportamentos.

A criança disléxica é geralmente triste e deprimida pelo repetido fracasso em seus esforços para superar suas dificuldades, outras vezes mostra-se agressiva e angustiada. A frustração causada pelos anos de esforço sem êxito e a permanente comparação com as demais crianças provocam intensos sentimentos de inferioridade.

Por isso, o apoio e participação da família, bem como a integração da família com o trabalho desenvolvido na escola são fundamentais.

Há três tipos de Dislexia que possuem algumas diferenças, as quais devem ser observadas:

- **Dislexia acústica:** manifesta-se na insuficiência para a diferenciação acústica (sonora ou fonética) dos fonemas e na análise e síntese dos mesmos, ocorrendo omissões, distorções, transposições ou substituições de fonemas. Confundem-se os fonemas por sua semelhança articulatória.
- **Dislexia visual:** Ocorre quando há imprecisão de coordenação viso - especial manifestando-se na confusão de letras com semelhança gráfica. Não temos dúvida que o primeiro procedimento dos pais e educadores é levar a criança a um médico oftalmologista.
- **Dislexia motriz:** evidencia-se na dificuldade para o movimento ocular. Há uma nítida limitação do campo visual que provoca retrocessos e principalmente intervalos mudos ao ler.

Entre as consequências da dislexia encontramos a repetência e evasão, pois se o problema não é detectado e acompanhado, a criança não aprende a ler e escrever. Acontece também o desestímulo, a solidão, a vergonha, e implicações em seu auto

conceito e rebaixamento de sua autoestima, porque o aluno perde o interesse em aprender, se acha incapaz e desprovido de recursos intelectuais necessários para tal.

## **1.2 Participação da família e da escola**

O apoio e incentivo da família, professores e demais envolvidos na educação da criança disléxica são fundamentais para que ela se desenvolva de forma normal e sem medo, pois quanto mais o tempo passar sem que tenha ajuda, maiores serão suas dificuldades.

## **2 A dislexia em sala de aula**

### **2.1 A dislexia e a educação especial**

No âmbito das instituições da educação básica, no Brasil, relatos de professores registram situações em que a criança, aparentemente brilhante e muito inteligente, não pode ler escrever nem tem boa ortografia para a idade.

Nos exames vestibulares, as comissões executivas descrevem casos “bizarros” (às vezes, motivo de chacotas) em que candidatos apresentam baixo nível de compreensão leitora ou a ortografia ainda é fonética (baseada na fala) e inconstante.

Assim, surge a realização de testes de leitura nas escolas públicas e privadas, desde cedo, de modo a diagnosticar e avaliar a dificuldade de leitura.

Como cita Vicente Martins (2006, p. 1):

[...] A leitura, como sabemos, seja para disléxicos ou não, é uma habilidade complexa. Não nascemos leitores ou escritores. O módulo fonológico é o único, no genoma humano, que não se desenvolve por instinto. Realmente, precisamos aprender a ler, escrever e a grafar corretamente as palavras, mesmo porque as três habilidades linguísticas são cultural e historicamente construídas pelo homo sapiens [...].

Ao que parece, por trás desses problemas específicos de aprendizagem, existe sempre um fator biológico, hereditário, isto é, há uma tendência de a mesma dificuldade ocorrer em outros membros da família. Nos experimentos feitos em 1976, por Finucci e colaboradores, com 16 crianças de um grupo de 20 disléxicos, chegou-se ao seguinte resultado: 3 crianças tinham ambos os pais com retardo de leitura; 10 tinham um dos pais com retardo de leitura e 3 não tinham nenhum dos pais retardado em leitura (MORAIS, 1996).



Por trás do fracasso escolar ou da evasão escolar, sempre há fortes indícios de dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem. Nos casos de abandono escolar, em geral, também, verificamos crianças que deixam a escola por enfrentarem dificuldades de leitura e escrita.

De acordo com Morais (1996, p. 23):

[...] deve ficar claro que a aprendizagem da leitura e escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas (habilidades linguísticas, perceptuais, motoras e cognitivas) e não se pode esperar portanto que seja determinado um único fator com o responsável pela dificuldade para aprender [...].

A situação dos disléxicos se torna mais complexa porque muitas pessoas e professores desconhecem o distúrbio, o que é a dislexia e suas mazelas na vida das crianças e dos adultos, o que só piora a aprendizagem da leitura de seus alunos.

Infelizmente, a legislação educacional não trata as diversas necessidades especiais dos educandos de forma clara, objetiva, pragmática e programática. Essa omissão tem, de certa forma, dificultado ações governamentais por parte dos gestores.

No entanto, a Lei 9.394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional, apresenta uma melhor redação, faz referências às necessidades especiais e a dislexia passa a ser vista como uma necessidade especial: “O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino” (Art. 4º, LDB9394/96).

Mas qual a natureza dessa necessidade especial? Por exclusão diria que uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla.

O disléxico, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. Estudos nos mostram que dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cerebrovascular (AVC) ser disléxico é condição humana.

De acordo com a LDB 9394/96:

Art. 58º. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.  
Art. 60º. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos,

especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O Poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

## **2.2 A dislexia e o fracasso escolar**

O dislético deve ser tratado com respeito e dedicação para que ele possa ser incentivado no processo de aprendizagem. Sendo assim, nunca se deve criticar quando um dislético comete um erro, deve-se motivá-lo a sempre tentar acertar, uma vez criticado ele vai ficar com vergonha e não terá coragem de tentar novamente.

O papel do educador é despertar no aluno o interesse pelo saber e se isso não acontecer este aluno não desenvolverá sua criatividade e capacidade para construir sua própria história de vida; por isso é importante que o professor conheça o universo cultural de cada aluno.

A dislexia apesar de ser considerada a "mãe dos distúrbios", ainda é ignorada por inúmeros portadores que estão sendo rotulados por educadores e próprios colegas despreparados para conviver com este problema, uma vez que o professor não está apto para receber o dislético, e também para preparar os colegas para contribuírem com o desenvolvimento do portador do distúrbio.

Cabe aos pais procurar a escola e, juntamente com os professores, trabalhar de maneira adequada o conteúdo escolar para não desmotivar a criança que possui dislexia. Faz-se necessário dar muita atenção para que a mesma sinta-se valorizada e estimulada para a aprendizagem.

Os disléticos necessitam formar imagens mentais que possam ser utilizadas para pensar. Também é necessário que consigam associar estas imagens, nos planos visuais e auditivos, às palavras que estão tentando aprender.

Antes de atribuir a dificuldade de leitura à dislexia, os pais e professores deverão descartar os fatores a seguir juntamente com um parecer clínico: imaturidade para aprendizagem; problemas emocionais; métodos defeituosos de aprendizagem; ausência de cultura; incapacidade geral para aprender.

Para diagnosticar se o aluno é portador da dislexia é necessário descartar alguns fatores muito comuns em sala de aula, tais como: dificuldades auditivas e visuais, lesões

cerebrais (congenitas ou adquiridas) falta de afetividade, fracasso escolar e a hiperatividade.

### **2.3 Alfabetização do dislexo**

O dislético precisa olhar atentamente, ouvir atentamente, perceber os movimentos da mão quando escreve e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala. Assim, a criança dislética associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos. FALAR-OUVIR-LER-ESCREVER, são atividades da linguagem. FALAR e OUVIR são atividades baseadas em fundamentos biológicos.

Fonseca (1995, p. 75) retrata muito bem isso quando diz que “uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais”.

Não podemos assumir atitudes reducionistas que afirmam que a dislexia não existe. De fato, a dislexia é muito mais do que uma dificuldade na leitura. A dislexia normalmente não aparece isolada, ela surge integrada numa constelação de problemas que justificam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que trata de uma aquisição exclusivamente humana.

O método mais adequado tem sido o fonético e a montagem de “manuais” de alfabetização apropriados à criança dislética.

A criança aprende a usar a linguagem falada, mas isto depende do:

- meio ambiente compreensivo, estimulador e paciente,
- trato vocal,
- organização do cérebro,
- sensibilidade perceptual para falar os sons;

O sucesso na reeducação de um dislético está baseado em terapia multi - sensorial (aprender pelo uso de todos os sentidos), combinando a visão, a audição e o tato para ajudá-lo a ler e soletrar corretamente as palavras.

Para Drouet (2003, p. 28):

O professor tem o primeiro mês de aula para conhecer o aluno e saber qual método poderá usar para obter um bom desempenho em suas aulas para que o portador de algum distúrbio não sofra tanto. O professor de primeiro grau não tem a formação necessária para diagnosticar graves distúrbios de aprendizagem. Através da observação, ele poderá detectar diferenças ou falhas nos desempenhos de seus alunos.

Por isso, é importante proporcionar à criança o manuseio do material de leitura, escrita e o desenvolvimento do gosto pela leitura. Incentivando-a, através das seguintes sugestões: lendo todos os dias bons livros, jornais, revistas, qualquer coisa que realmente a interesse, encorajando-a a ler todos os tipos de texto, permitindo o uso de marcadores para seguir a leitura, encontrando alguém que possa ler os textos para ela, gravando os textos para ajudá-la, dividindo a leitura de um livro de história com algum colega e usando canetas marca-texto, para ressaltar os itens a serem lembrados.

E, depois de ter lido o texto, a criança poderá reler o título e explicá-lo, observar as figuras e dar uma interpretação, rever o vocabulário das palavras do texto, desenvolver uma lista de palavras que ela erra constantemente, ler as perguntas, se houver, ou criar perguntas para testar sua interpretação, ler os títulos dos capítulos, comentá-los e desenhar a respeito do que foi lido.

Na dislexia, em geral, a dificuldade de leitura persiste até a idade adulta. A dificuldade de ortografia geralmente acompanha a da leitura, o que é compreensível por serem habilidades relacionadas. Muitas pessoas aparentemente normais, ou mesmo com grande capacidade de leitura, podem apresentar dificuldades de ortografia.

É necessário que a criança seja submetida a um programa de aprendizagem planejado e específico, de acordo com a fase de desenvolvimento em que se encontra.

### **2.3.1 Trabalhando a autoestima**

O disléxico tem uma história de fracassos e cobranças que o fazem sentir-se incapaz. Motivá-lo, exigirá mais esforço e disponibilidade.

O apoio ou atenção não irão acomodar o aluno ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Depois de tantos insucessos e autoestima rebaixada, ele tende a demorar mais a reagir para acreditar nele mesmo.

### **2.3.2 Monitorando as atividades**

- Certifique-se de que as tarefas de casa foram compreendidas e anotadas corretamente;
- Certifique-se de que o aluno pode ler e compreender o enunciado ou a questão. Caso contrário, leia as instruções para ele;
- Leve em conta as dificuldades específicas do aluno e as dificuldades da nossa língua quando corrigir os deveres;

- Utilizar o computador, mas certificar-se de que o programa é adequado ao seu nível. Crianças com dificuldade de linguagem são mais sensíveis às críticas, e o computador, quando usado com programas que emitem sons estranhos cada vez que a criança erra, só reforçará as ideias negativas que elas têm de si mesmas e aumentará sua ansiedade;
- Esquematizar o conteúdo das aulas quando o assunto for muito difícil para o aluno. Assim, terá a garantia de que ele está adquirindo os principais conceitos da matéria através de esquemas claros e didáticos;
- Não insistir para que o aluno leia em voz alta perante a turma, pois ele tem consciência de seus erros. A maioria dos textos de seu nível é difícil para ele.

### **2.3.3 Avaliação**

As crianças com dificuldades de linguagem têm problemas com testes e provas. Em geral, eles não conseguem ler todas as palavras das questões do teste e não estão certas sobre o que está sendo solicitado. Elas têm dificuldade de escrever as respostas, sua escrita é lenta e não conseguem terminar dentro do tempo estipulado. Recomenda-se que, ao elaborar, aplicar e corrigir as avaliações do aluno disléxico, especialmente as realizadas em sala de aula, adote-se alguns procedimentos:

- a) Leia as questões/problemas junto com o aluno, de maneira que ele entenda o que está sendo perguntado;
- b) Dê-lhe o tempo necessário para que ele faça a prova com calma e ao recolhê-la, verifique as respostas e, caso seja necessário, confirme com o aluno o que ele quis dizer com o que escreveu, anotando as respostas;
- c) Ao corrigir a prova, valorize ao máximo a produção do aluno, pois frases aparentemente sem sentido e palavras incompletas ou gramaticalmente erradas não representam conceitos ou informações erradas.

O professor pode e deve realizar avaliações orais, se o disléxico não pode aprender do jeito que ensinamos, temos que ensinar do jeito que ele aprende.

A dislexia não tem cura. Quanto mais cedo for detectada, melhor será para a criança, pois as consequências serão menores.

O prognóstico vai depender da intensidade do problema (leve, moderada ou severa), de quanto tempo ficou sem diagnóstico e tratamento adequado, do envolvimento

dos pais e da escola para ajudar a criança a superar as barreiras, e do acompanhamento de profissionais especializados.

Como prova de que a dislexia, embora não tenha cura, pode ser superada, é possível citar alguns nomes de disléxicos famosos que ultrapassaram as barreiras do preconceito criadas pela dislexia e tornaram-se ilustres, como: o físico Albert Einstein, o gênio renascentista Leonardo da Vinci, o autor da teoria do evolucionismo Charles Darwin, o pintor espanhol Pablo Picasso, os atores Tom Cruise, Robin Williams, Whoppi Golberg e o atleta Dan O'Brien.

Alguns pesquisadores acreditam que pessoas disléxicas tem até uma maior probabilidade de serem bem sucedidas; acredita-se que a batalha inicial dos disléxicos para aprender de maneira convencional estimula sua criatividade e desenvolve uma habilidade para lidar melhor com problemas e com o stress.

É fundamental, portanto, que o pedagogo aprofunde seus estudos acerca da dislexia para que possa desenvolver seu trabalho da melhor maneira possível nas escolas, contribuindo efetivamente para os progressos da criança disléxica.

### **Considerações finais**

Após este estudo passamos a questionar o enfoque que se dá ao termo Dislexia, já que produz uma sonoridade de patologia, quando na verdade, no nosso entendimento, não se caracteriza como tal.

Não se fala em cura ou tratamento ou medicamentos quando se fala em Dislexia. Acreditamos que pessoas nascem disléxicas ou não disléxicas, e assim permanecem por toda a vida, como algumas pessoas nascem canhotas ou destros e assim o são por toda a vida.

O atual sistema escolar é desenvolvido para a maioria, que não é disléxica. Os disléxicos ficam à margem de um sistema educacional que os exclui e os aprisiona.

Necessita-se, portanto, instaurar, dentro das escolas, medidas preventivas essenciais para a reestruturação do aluno em sua forma mais abrangente, evitando assim, as situações traumatizantes que os problemas de aprendizagem escolar causam em algumas crianças. Toda e qualquer dificuldade escolar tem uma causa e encaminhamentos possíveis.

Ninguém nasce com dificuldades escolares, elas aparecem ao longo do caminho e precisam ser observadas, respeitadas e solucionadas.

É tarefa de todos e quaisquer educadores ter como base ética o compromisso de ver desenvolver-se dignamente e efetivamente a aprendizagem acadêmica de seus educandos, buscando novas formas de aprendizagem, novos programas e processos de ensino que possam colaborar.

Precisamos restaurar a dignidade humana, mas só o faremos quando pudermos compreender as graves consequências sociais que o insucesso escolar provoca, gerando uma relação inadequada entre esta criança e o mundo.

Há necessidade de inclusão destes alunos portadores de distúrbios de aprendizagem nas escolas, inserindo-os de forma a resgatem condições que lhes proporcionem uma preparação de qualidade para a vida.

### **Referências**

BAUER, J. J. **Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CAPOVILLA, A. G. S. *et al.* **Alfabetização fônica computadorizada: fundamentação teórica e guia para o usuário**. São Paulo: Memmon, 2005.

DAVIS, R. D. **O Dom da Dislexia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2003.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LANHEZ, M. E.; NICO, M. A. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Elsevier, 2002.

JARDINI, R. S. R. **Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita: fundamentação teórica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Livro I.

JOHNSON, D. J.; MYKLEBUST, H. M. **Distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1991.

MORAIS, A. M. P. **Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1996.

SANA, C. C. **Por que meu filho não aprende?** Blumenau: Editora EKO, 2005.

SENA, M. G. C. **Dispositivo**. Belo Horizonte: Clínica d'Iss, 1999.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Art Med, 2003.

**SITES PESQUISADOS:**

**ABD (Associação Brasileira de Dislexia).** Disponível no site [www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br). Acesso em: 28 set. 2015.

**ANB (Associação Nacional de Dislexia).** Disponível no site [www.dislexia.com.br](http://www.dislexia.com.br), Acesso em: 27 out. 2015.

MARTINS, Vicente. **Dislexia e Educação Especial.** 2006. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins/>. Acesso em: 25 out. 2015.

MARTINS, Vicente. **Linguística aplicada às dificuldades de aprendizagem relacionadas com a linguagem:** dislexia, disgrafia e disortografia. 2002. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins/>. Acesso em: 25 out. 2015.